

# PESQUISAS SÔBRE A EXISTÊNCIA DO OURO E DA PRATA NO PLANALTO PAULISTA NOS SÉCULOS XVI E XVII.

---

## INTRODUÇÃO

A continuidade da vida tem se manifestado através da luta pela sobrevivência, desde os organismos mais rudimentares até o homem, desde os tempos imemoriais, em que surgiu a vida na Terra, até os nossos dias.

A sobrevivência do mais apto, do munido de melhores e mais aperfeiçoadas condições para enfrentar a luta pela vida, é uma lei da natureza. Essa luta prende-se à busca da manutenção e é em tórno dela que giram tôdas as atividades relacionadas com a existência, inclusive a perpetuação das espécies, desde os unicelulares, até o homem.

A busca de alimento acarretou para a Humanidade guerras, grandes migrações, grandes aglomerações em tórno de mananciais, enfim, foi a causa básica de todos os acontecimentos da História do Mundo. Criou o que podemos chamar de Economia, cujo terreno, por mais amplo que seja, relaciona-se constantemente com a necessidade fisiológica da alimentação, aliada à necessidade de abrigo, para o prosseguimento da vida.

E, assim sendo, todos os acontecimentos verificados na Humanidade, isto é, todos os fatos da História, ligam-se ao fundo econômico que é a base da subsistência e da procriação.

Por que houve uma civilização egípcia no vale do Nilo há cinco mil anos atrás?

Por que surgiu uma civilização na Mesopotâmia? Por acaso não havia um ambiente propício para o desenvolvimento de vegetais e animais que atraíssem uma grande massa humana para os vales do Nilo, Tigre e Eufrates?

Se a Grécia não oferecesse uma base alimentar para o grego, não teríamos a grande civilização helênica que exerceu influência predominante em quase tôdas as civilizações.

E assim por diante, até os nossos dias.

No entanto, o homem, além das necessidades básicas, com a civilização, foi ampliando os seus meios de subsistência, armazenando víveres etc. Estava criada a Economia que com o decorrer dos anos e dos séculos, evoluiu assustadoramente e, do simples armazenamento, o homem caiu no exagêro, caminhando para a ganância e para a usura, daí o grande papel da prata e do ouro na História da Humanidade.

Por que o homem preferiu êsses metais? Por que não escolheu outros? O ferro ou o cobre por exemplo?

Antes de respondermos a estas perguntas, será necessário afirmar que, desde que uma sociedade atinja um certo grau de progresso, suas preferências para os signos monetários, se voltam para os metais preciosos (1).

A moeda foi uma necessidade imposta pelo progresso. O ouro e a prata foram os metais escolhidos, pela sua raridade, grande inalterabilidade, grande valor em pequeno pêso, boa divisibilidade, facilidade de cunhagem, resistência a uma facil usura, menor variação dos valores do que os demais produtos, etc.

Atribuído pelo homem tão grande valor ao ouro e à prata, a ambição da Humanidade foi a busca dêsses metais preciosos e seu armazenamento, quer em barras, em pó, em moedas, utensílios ou em jóias.

Segundo nos narra a História, parece terem sido encontradas na Lídia as primeiras reservas de ouro entesourado em grandes quantidades.

No decorrer dos séculos, na História da Humanidade sempre se verificou caminharem os povos e as nações, para a obtenção do ouro e da prata, ou de produtos que fôsem transformados em ouro e prata, pelo comércio, o que é perfeitamente compreensível, pois nessa nossa ambição, o homem procura conservar-se, obedecendo às leis da vida, que impõe ao mais apto a possibilidade de sobreviver.

E' a base econômica que garante ao homem a sua sobrevivência, o seu grau de civilização, etc. Para isto, basta analisarmos a História, desde os seus primórdios. Verificaremos que a base econômica é irrefutável em todo o desenrolar dos acontecimentos.

---

(1). — SIMONSEN (Roberto). — História Econômica do Brasil. São Paulo. Editora Nacional. 2.a edição. 1944. 2 vols. Tomo II, pg. 14.

## A EXPANSÃO ECONÔMICA DA PENÍNSULA IBÉRICA.

A época das navegações e dos descobrimentos que levaram a Península Ibérica a se aventurar nos mares, trouxe como consequência uma grande sede de ambições.

As especiarias trazidas das Índias motivaram uma ávida procura de caminhos e rotas que dessem aos portos de escoamento desses produtos que constituíram uma grande fonte de renda para Portugal.

O Oriente tornou-se, então, o centro, para onde convergiam na época, tôdas esperanças de lucros.

Como consequência da procura de rotas mais próximas os descobrimentos de novas terras tornaram-se inevitáveis. Era a expansão do Velho Mundo, motivada pela Economia, uma face nova da Terra se revelava aos europeus ávidos de riquezas e uma colonização tornou-se possível, também por motivos econômicos: o Novo Mundo era rico, possuía mananciais de metais preciosos e prometia fontes de riquezas fabulosas, talvez maiores do que as do Oriente...

No início das descobertas, a exploração de riquezas e a extração foram a primeira fase da economia ibérica. A segunda fase foi a colonização baseada nas esperanças de novos e vultuosos lucros.

Na primeira fase, os espanhóis tiveram melhor sorte que os portugueses, com os tesouros encontrados no México e no Perú e também nas Antilhas, fato que provocou nos súditos e nos reis de Portugal, uma grande esperança de que na terra descoberta por Cabral, também se encontrassem os grandes mananciais de metais preciosos que só se revelariam no fim do século XVII e no século XVIII. Foi com essa esperança que se deu a colonização do Brasil, antes que franceses ou ingleses se apoderassem dessa terra desconhecida, que no início, de riqueza, só tinha o pau côr de brasa, macacos e papagaios. Além disso, o malôgro da Índia e África, impulsionou os lusos em busca de novas bases econômicas.

O México forneceu grande quantidade de ouro e de prata aos espanhóis. Com a invasão de Cortez, Montezuma, o chefe azteca, foi obrigado a pagar um tributo em ouro, de 70.000 Libras, aproximadamente.

Tenochtitlan forneceu durante o saque, uma quantia superior a 4.000 Marcos de ouro, ou sejam, mais de 120.000 esterlinos (2).

---

(2). — SIMONSEN (Roberto). — Op. cit., II, pg. 19.

As minas de prata de Tasco, Zultepeque e Pachuca começaram a ser trabalhadas para o fornecimento de material para os espanhóis.

No Perú, as riquezas saqueadas atingiram grandes somas e só as resultantes do assalto de Cuzco atingiram mais de 1.500.000 Libras, fora o resgate que os espanhóis receberam pelo inca Atauvalpa e fora o produto das minas de prata de Porco, Carangas, Andacava, Oruro, Carabaia, Chaquiapú, etc., exploradas antes de 1545.

Além desses tesouros, o ouro também foi obtido nas Antilhas, em Pária, Santa Marta e Flórida.

Enfim, os espanhóis arrecadaram aproximadamente, com suas explorações, 6 milhões de Libras, só nesse primeiro período (3).

Nos anos seguintes, novas descobertas iriam se efetuar, Potosí nas montanhas do Perú (hoje região pertencente à Bolívia) e Zacatecas e Guanaxuato, no México atual.

Em 1650 e 1700, novas riquezas em ouro e prata afloraram à superfície da terra, para serem enviadas à Espanha, nas minas de Antioquia e Choco.

Os portugueses, no entanto, só tiveram o produto das minas de ouro do Brasil, após iniciar-se o século XVIII, de 1700 a 1750. Apesar disso, da indústria açucareira do Nordeste também muitos lucros auferiu a corôa portuguesa e talvez devido a ter alcançado essa base econômica, Portugal tenha se descurado um pouco das explorações, preferindo o “ouro doce”, certo, ao duvidoso ouro escondido nas entranhas da terra, até que pela perda da segunda Batalha do Açúcar, as buscas dos metais preciosos se incrementaram; não quer dizer isto, no entanto, que Portugal tenha abandonado o sonho metalífero durante o apogeu do açúcar no Nordeste.

## SÃO VICENTE E O PLANALTO

Enquanto o Nordeste sustentava-se na sólida base econômica açucareira, favorecida pela maior proximidade com Portugal, o sul, a Capitania de São Vicente, ficou quase que esquecida pela Metrópole.

A necessidade premente de uma base econômica, já que a primeira Batalha do Açúcar fôra ganha pelo Nordeste, levou o vicentino a se expandir em busca do Planalto e a não esquecer aquêle sonho herdado de seus ancestrais portugueses: a procura dos metais preciosos. E essa procura, posta de lado pelos nordestinos, foi continuada aqui no

(3). — HUMBOLDT. — *Essai Politique de la Nouvelle Espagne*. Apud Roberto Simonsen. Op. cit., II, pgs. 18-19.

sul, motivada pela pobreza da população. Pouco ouro foi obtido em São Vicente e no Planalto, mas as esperanças não eram postas de lado.

O apresamento e depois o pastoreio tornaram-se inevitáveis para que o sulino pudesse viver: os acontecimentos históricos favoreceram êsse apresamento: o domínio de Portugal pela Espanha e o domínio holandês no Nordeste.

Uma verdadeira epopéia de lutas pela sobrevivência foi traçada pelos bandeirantes, contra o gentio e contra o sertão, em busca de uma base econômica.

As fronteiras do Brasil foram alargadas, terras foram conquistadas à coroa espanhola.

Ao lado do apresamento, o sonho do descobrimento de minas de ouro, prata e pedras preciosas, continuou, acalentado pela gente rude e valorosa do Planalto, gente essa, selecionada e burilada pelo meio ambiente e pelas necessidades. Enquanto que no Nordeste o homem se entregava à vida folgada de uma economia sólida, no sul o homem se retemperava com o suor da luta pelo pão de cada dia e, se não fôsse êsse lutador, as minas sonhadas desde as primeiras povoações vicentinas e planaltinas, não teriam sido descobertas no fim do século XVII, pois os portugueses só cuidaram delas após a perda da segunda Batalha do Açúcar, incrementando as “entradas” e os nordestinos só se lembraram do ouro que haviam abandonado pelo açúcar, após as minas descobertas pelos paulistas.

Portuguêses e nordestinos uniram-se, então, para a posse das minas, contra os planaltinos que foram sacrificados e presos nos grilhões do próprio ouro que tanto haviam ambicionado e pelo qual tanto se sacrificaram; triste ironia da História.

Que os portugueses viessem contra os planaltinos, caboclos independentes, ainda é admissível, o que é de estranhar, é o fato pela qual os nordestinos, aproveitando-se da circunstância de constituírem um maior contingente, viessem contra os seus compatriotas. Isto revela a disparidade em todos os pontos de vista, das diversas regiões do Brasil, desde aquela época, embora isto seja negado por vários autores munidos teimosamente de largas viseiras.

### PRATA E OURO NO PLANALTO.

Atualmente não restam mais dúvidas quanto à situação de pauperismo do Planalto.

Os inventários e testamentos, o isolamento resultante da situação geográfica, provocando o apresamento como base econômica, a pequena propriedade, o patriarcalismo atenuado, a autarquia quase que total, a policultura, a democracia, o baixo índice cultural e a fraca densidade de população, etc., provam a quase miséria e o quase nulo poder aquisitivo.

Apesar dêsse pauperismo, entretanto, em 470 inventários de um período que vai de 1578 a 1700, o ouro e a prata não deixaram de aparecer, em pouca quantidade, é verdade, mas crescendo em porcentagem pequena também, à medida que os anos se aproximavam do século XVIII, século que transformou por completo o panorama econômico de Piratininga, pela descoberta do ouro nas Gerais.

Esse ouro e essa prata existentes no Planalto segundo nos informam os inventários, foram arrolados sob a forma de utensílios domésticos, jóias, ornamentos religiosos e pouquíssimas vezes sob a forma de moedas e chegaram, segundo averiguamos pelo estudo de 470 inventários, desde 1578 até 1700, ao seguintes total:

<b>Prata:</b> .....	200 quilos e 263,180 gramas
<b>Ouro:</b> .....	19 " " 750 "

Qual teria sido a proveniência dêsses metais preciosos existentes nos séculos XVI e XVII no Planalto Paulista, antes da descoberta das Gerais?

Poderiam ter vindo de Portugal na época da colonização da capitania vicentina; poderiam ter origem local, isto é, na própria capitania e redondezas; poderiam provir das possessões espanholas na América do Sul, ou viriam do Nordeste enriquecido pelo açúcar, quando a indústria açucareira necessitava de mão de obra e o bandeirante fornecia grande número de índios apresados nas reduções jesuíticas, por um preço inferior ao negro africano?

## O OURO DO REINO

Quanto ao ouro, o Reino poderia ter fornecido algum que tivesse vindo na época da colonização, sob forma de moedas e jóias, pois, como sabemos, Portugal, antes de possuir o ouro brasileiro, teve o seu primeiro ciclo de ouro, com ouro das costas ocidentais e orientais africanas e também do interior da África ocidental.

Rio do Ouro, Costa do Ouro, Ilhas do Ouro, nas costas ocidentais africanas, são testemunhas do que J. Lúcio de Azevedo chama de "Primeiro ciclo do ouro em Portugal".

O guinéu é também uma reminiscência dêsse mesmo ciclo que iniciou-se para Portugal, na época em que seus navegadores percorriam as costas africanas.

O primeiro ouro vindo da África, chegou a Portugal em 1442, trazido por Antão Gonçalves, navegador e guarda-roupa do Infante D. Henrique, como resgate de dois mouros.

A entrada do metal precioso aumentou, atingida a Costa da Guiné e, segundo J. L. de Azevedo, em **Épocas de Portugal Econômico**, de 1494 a 1498, só os dízimos vindos dessa região africana, atingiram 11.777 dobras, ou sejam, 3.968 cruzados.

Sofala, Moçambique, Quilôa e Monomotapa também foram os outros pontos onde os lusos fundaram feitorias para a obtenção do ouro, pela troca de bugigangas e quinquilharias com os nativos.

Não contentes com a quantidade do metal que afluía para os cofres do reino, os lusos tudo fizeram para ocupar o interior da África ocidental, onde pudessem explorar diretamente as minas. Foram tentativas vãs e que resultaram em fracassos, pois a região africana manifestou-se hostil ao europeu e o ouro, além de ser o de lavagem, não oferecia lucros que compensassem os sacrifícios em tais paragens.

Entretanto, as feitorias fundadas acabaram por ser abandonadas, após terem canalizado ouro para o reino, sendo durante algum tempo, uma fonte de riqueza para Portugal, que pôde empregá-lo em suas possessões na Ásia e em especiarias do Oriente. Foi esbanjado por D. Afonso V e empregado em novos descobrimentos, por D. João II.

Alguns anos depois de D. Manuel, os contingentes diminuíram a tal ponto, que na época de D. Sebastião e do Cardeal D. Henrique, as condições estavam tão precárias, que o administrador Jorge da Silva, num relatório feito em 1573, aconselhou o abandono do tráfico e do domínio.

E' muito difícil fazer-se um cálculo correto a respeito da quantidade de ouro africano que teria desembarcado em portos lusos. Nussbaum (4) calcula uma cifra, entre os anos de 1493 e 1520, de 400.000 Libras por ano e, de 1520 a 1544, outra cifra de 350.000 Libras; talvez haja exagêro nestes números, no entanto, de 1544 em diante, diminuíram rapidamente.

Parece, entretanto, que houve uma equiparação entre o ouro africano obtido pelos portugueses e o ouro para a Espanha, pelos conquistadores espanhóis, até 1525.

---

(4). — NUSSBAUM. — *A History of the Economics Institutions of Modern Europe*. 1933. Apud Roberto Simonsen. Op. cit., II, pg. 18.

Os colonos que vieram com Martim Afonso de Souza, em 1530, poderiam ter trazido algum ouro, quer sob a forma de moedas do Reino como se vê no inventário de Pero Leme, em 1592: 12 moedas de ouro de \$500; no inventário de Mateus Leme, em 1628: uma moeda portuguesa de ouro \$500 (5), quer sob a forma de jóias ou utensílios religiosos, entretanto, isto teria sido em pequena quantidade, pois os primeiros povoadores da capitania vicentina não poderiam ter sido nobres ou ricos e o governo português não iria permitir a saída de uma grande quantidade de ouro para fora de seu território.

Os nobres encontravam-se na ocasião preocupados com o Oriente, onde haviam empregado o que possuíam e, não haveriam de se lembrar da terra descoberta por Cabral.

Quanto à hipótese de serem ricos os primeiros colonizadores vicentinos, também não parece verossímil, pois o rico não emigra, deixando o conforto e o bem-estar, para ir em busca de aventuras em terras desconhecidas.

Os primeiros portugueses que aportaram em São Vicente, teriam pertencido à classe burguesa, quando muito, um ou outro teria ascendência na velha nobreza lusitana da época dos Borgonhas, nobreza que teve de ceder lugar aos adeptos de D. João I, fundador da casa de Aviz (6).

### O OURO DE PROVENIÊNCIA LOCAL.

A segunda hipótese seria baseada na produção local, ou nas redondezas da própria capitania de São Vicente, consequência da ávida procura e da “preocupação dos homens de além-mar ao aqui aportarem; era a averiguação da angustiada interrogação que os trazia ansiados da Europa, sobre se aqui havia ouro ou riquezas que ouro valessem” (7).

Essa produção local rendeu ouro, mas em quantidade que não poderá ser comparada à das Minas descobertas no fim do século XVII e século VIII, pelos paulistas.

Não atraiu imigração, não impediu o ciclo de apresamento, e autarquia e a policultura, enfim, não elevou o nível de vida do planaltino, a economia não se modificou, houve ligeira melhoria, com o decorrer dos anos, em que a porcentagem de ouro e prata aumentava também, entretanto essa melhoria pode ser unicamente atribuída ao preamento e à exportação da mão de obra para o Nordeste.

---

(5). — Inventários e Testamentos, I, pg. 35 e IX, pg. 128.

(6). — ELLIS Júnior (Alfredo). — *Resumo da História de São Paulo (quinhenismo e seiscentismo)*. São Paulo. Tip. Brasil. 1942, pg. 35.

(7). — *Ibidem*, pg. 111.

Os metais aqui ficaram, condensados nas arrecadas, brincos, pendentes, aljofres e nas colheres e tamboladeiras, capitalização da pouca quantidade que não rendia juros.

Por acaso não constituíram, essas peças de metal precioso, uma espécie de moeda local? Não serviriam para transações na própria autarquia planaltina? (8).

## EXPEDIÇÕES LOCAIS.

### Afonso Sardinha.

Os portugueses ao desembarcarem em São Vicente no ano de 1530, tinham grandes esperanças nas minas de ouro e prata.

Várias expedições tomaram o rumo do interior do país; de Cananéia, partiu Pero Lobo, a mandado de Martim Afonso que, anteriormente fizera partir da Guanabara, três brancos para a região das futuras Minas. Parece que em 1526, segundo a lenda, Aleixo Garcia seguira o caminho que tempos depois seguiria Pero Lobo.

Em 1561, as buscas continuavam e Braz Cubas chegou a encontrar ouro e também pedras verdes, após ter feito parte de uma bandeira, a qual, não se sabe exatamente que rumo tomou. Segundo uma carta que enviou a D. João III de Portugal, em 25 de abril de 1562, tem-se uma vaga notícia da descoberta do precioso metal a 30 léguas de Santos (9).

Em 1562, Luís Martins achou ouro a 30 léguas de Santos.

De 1579 a 1592, Jerônimo Leitão foi até Paranaguá, onde antes já estivera uma expedição de Heliodoro Eobanos, proveniente do Rio de Janeiro e efetuada entre 1570 e 1584. Esse ouro foi explorado por gente da Capitania de São Vicente, entretanto foi em pouca quantidade, pois só se verificou o povoamento do Paraná, pela criação de gado.

Parece que trouxeram algum ouro para Santos, "...porque quando Cavendish lá esteve, em 1588, 1590 e em 1591 havia na vila ouro proveniente dessa fonte" (10).

---

(8). — "Devido à insuficiência da moeda que sempre se registrou em São Paulo, utilizavam-se aqui, como instrumentos de trocas, de artigos da produção local. Variavam de ano para ano as mercadorias que faziam as vezes de moedas". (Roberto Simonsen. — *História Econômica do Brasil* — Tomo I, pg. 342).

(9). — OLIVEIRA (Alvaro de Salles). — *Moedas do Brasil. Vol. I: Moedas e Barras de Ouro. Elementos para o seu estudo.* São Paulo. Edição comemorativa do cinquentenário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo: 1894-1944, pg. 8.

(10). — MAGALHÃES (Basílio de). — Citado por Alfredo Ellis Júnior, in "Resumo da História de São Paulo", pg. 112.

Entretanto, somente em 1590, Afonso Sardinha, seu filho e Clemente Alvares descobriram ouro no Jaraguá, serras de Jaguamimbaba (São Paulo), de Ivuturuna (Parnaíba) e em Biraçoiaba (Sorocaba), entretanto a maior quantidade foi extraída do Jaraguá (11).

Além desses, Antônio Bicudo Carneiro minerou o ribeirão de Santa Fé que corre à esquerda do morro paulista.

Até agora, aí estão tôdas as informações conhecidas sobre a mineração do ouro em São Paulo, informações encontradas no "Resumo da História de São Paulo", de Alfredo Ellis Júnior, 1942, em "Épocas de Portugal Econômico" de J. L. de Azevedo e na "História Econômica do Brasil", tomo I, de Roberto Simonsen.

### POTOSI

Quanto à prata encontrada em maior quantidade nos inventários do Planalto, 200.263,180 gramas (200 quilos em contas redondas) em 470 inventários, de onde teria vindo? Pois dela não temos referências quanto à mineração aqui no Brasil.

Colocamo-nos em face da 3.<sup>a</sup> hipótese que formulamos há pouco, quanto à vinda de metais preciosos das possessões espanholas da América do Sul.

O ponto de mineração da prata na América do Sul mais facilmente atingido pelos planaltinos, teria sido Potosi, através do Pilcomaio, maior afluente do Paraguai. Infelizmente a documentação paraguaia que poderia provar a passagem de bandeirantes por essa via fluvial, não foi dirigida à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo e sim ao Departamento Municipal de Cultura, onde até hoje está arquivada, sem ainda ter vindo à luz.

Potosi, o que foi Potosi?

---

(11). — No inventário de Afonso Sardinha foram encontrados 80.000 cruzados de ouro em pó, o que parece exagêro, segundo Capistrano de Abreu que afirma a existência de uma boa quantidade, ou melhor, porcentagem de ogó nesse ouro. (Noções de História do Brasil até 1800).

Parece que Eschwege também exagerou quando calculou como resultado de toda a mineração da capitania paulista, a elevada cifra de 930 arrôbas (15 mil quilos, mais ou menos) só para esta fase pré-mineradora.

Embora tenhamos analisado somente 470 inventários, desde 1578 até 1700, época que precedeu o descobrimento das Gerais, a importância no Planalto, antes do advento das Gerais e é suficiente para se duvidar da cifra de 1.900.000 Libras, ou sejam, 930 arrôbas, ou 15.000 quilos, calculadas por Eschwege e citadas por Roberto Simonsen em sua História Econômica do Brasil.

Não se pode admitir que esse valor compreenda somente o ouro de Piratininga ou o total de ouro das Gerais, Mato Grosso, ou Goiás.

O fato de que o ouro foi encontrado na Capitania de São Vicente e no Planalto (Mantiqueira, Guarulhos, Jaraguá, Apiaí, Sorocaba, Campo Largo, Cananéia, Iguape), apresenta-se com evidência, notando-se, no entanto, que em pequena quantidade.

Foi um grande centro de mineração da prata, situado no Perú. Sua atividade iniciou-se a partir de 1545, fornecendo grandes rendimentos à corôa espanhola.

Humboldt (12) calcula o total da produção em mais de 25 mil toneladas de prata, no período que vai de 1545 a 1803, portanto, 226.000.000 de Libras, valor superior ao ouro brasileiro.

A época de maior produção de Potosi, verificou-se entre 1585 e 1605, havendo, no século XVII, 1620, aproximadamente, um arrefecimento na produção, causando uma crise monetária na Espanha e a quebra do padrão monetário da prata, por algum tempo.

Entretanto, nesse mesmo século, a situação normalizou-se e a produção voltou ao ritmo comum.

Com o decorrer do tempo, a quantidade de prata no Planalto se elevou (13), demonstrando um certo crescimento. De onde viria?

A hipótese referente a Potosi é tentadora; teriam os bandeirantes mercadejado a mão de obra indígena capturada nas reduções, para o serviço nas minas espanholas? Teriam sido pagos em prata?

São simples suposições que não se pode resolver, por falta de documentação.

Muitos moradores do Planalto chegaram a Potosi, entre os quais, Aleixo Garcia e Antônio Castanho da Silva, que lá faleceu em 1622 (14), e é possível, que a bandeira de Nicolau Barreto (1602-1604), lá tenha chegado, pois permaneceu no sertão durante um prazo exageradamente longo de dois anos.

“O caminho para essas ricas minas castelhanas, nos Andes, era precisamente o que, segundo os documentos, havia sido seguido por Nicolau Barreto, isto é, via Guairá e Paraguai. Eis, pois, como é muito possível e provável mesmo, que Dom Francisco de Souza, já tendo visto fracassar várias tentativas de descobertas na região do alto São Francisco, orientasse Nicolau Barreto para as proximidades de onde os espanhóis se empanturravam de prata. Eis como se poderia interpretar aquelas palavras da Carta que a Câmara Municipal paulista dirigiu a Lobo de Souza na qual se diz que a bandeira de Barreto cregara ao Perú por terra” (15).

---

(12). — Apud Roberto Simonsen, *História Econômica do Brasil*, II pg. 24.

(13). — Cf. *Inventários e Testamentos*, 32 volumes.

(14). — LEME (Silva). — Vol. VI. Apud Alfredo Ellis Júnior, *Meio Século de Bandeirismo (1590-1640)*. Boletim n.º 1 da Cadeira de História da Civilização Brasileira. São Paulo. 1939, pg. 73.

(15). — Registro, vol. VIII, Apud Alfredo Ellis Júnior, *Meio Século de Bandeirismo*, pg. 73.

Basta a citação dêste trecho de Alfredo Ellis Júnior, para que se possa pensar numa rota entre o Planalto e Potosi, pois a quantidade de prata em Piratininga crescia com o decorrer dos anos.

Certamente os paulistas não abandonaram o caminho seguido por Nicolau Barreto, aventurando-se constantemente nas possessões argentíferas espanholas. E com que dinheiro comprariam a prata tôda que desde 1578 a 1700 atingiu 200 quilos e 263,180 gramas sòmente em poucos inventários? Que mercadoria seria trocada pela prata? Não poderia ser o escravo indígena brasileiro? Sabe-se que o negro foi muitas vêzes levado a Potosi pelos portugueses e que quando se deu uma diminuição no ritmo produtivo nas minas de prata, os holandeses controlavam a navegação do Atlântico.

A crise que em Potosi acarretou a quebra do padrão prata para a Espanha, poderia ter sido provocada por falta de mão negra fornecida pelos portugueses, ou também pelo fato de não haver transporte para Espanha, devido aos holandeses que se alastravam pelo Atlântico.

“O problema não foi ainda suficientemente estudado de maneira a se conhecer suas causas; é possível que haja alguma relação entre êsse fenômeno e o rompimento das linhas de comunicação com os centros africanos produtores de escravos e que a crise da prata peruana esteja ligada de certa maneira à crise da mão de obra” (16).

O mercado de prata entre Potosi e o Planalto, seria, entretanto, de baixas proporções, pois a quantidade dêsse metal averiguada, já nos dá uma idéia de suas limitadas quantidades não trazendo riqueza ou melhoria de vida para Piratininga.

Enrique de Gandia (17), escritor argentino, faz a seguinte referência quanto às relações planaltinas com Potosi: “Además, los portugueses se iban avvicinando en aquellas regiones que, por estar relativamente cerca de Potosi, eran causa de que por ellas se extravie mucha plata para el Brasil”.

No “Caminho do Perú”, capítulo do livro “História da Civilização Brasileira”, Pedro Calmon concorda com a tese de Alfredo Ellis Júnior — “A comunicação por terra com o Perú constituiu, em algum tempo, um objetivo dos bandeirantes paulistas.

---

(16). — CANABRAVA (A. P.). — O Comércio Português do Rio da Prata. Boletim n.º 2 da Cadeira de História da Civilização Americana. São Paulo. 1944, pg. 152.

(17). — Apud Alfredo Ellis Júnior, *Meio Século de Bandeirismo*, pg. 85.

Haviam de ser clandestinas aquelas viagens, temidas dos espanhóis e que, entretanto, enriqueciam no século XVII, certas casas fidalgas de São Paulo, como a de Antônio Castanho da Silva, segundo Pedro Taques”. (Esse “enriqueciam” deveria vir entre aspas, pois riqueza, na extensão da palavra, não existiu no Planalto, basta se observar os “Inventários e Testamentos”).

Alcântara Machado, em sua obra “Vida e Morte do Bandeirante”, notou, em contraste com a pobreza paulista, uma relativa abundância de prata em vários inventários e testamentos, como por exemplo os de André Fernandes, Salvador Jorge Velho, Bartolomeu Bueno Cacunda, etc.

Citamos o texto de Taques (18), ao qual se referiu Calmon em sua obra: “Tendo Antônio Castanho passado ao Perú, como então faziam os antigos paulistas, penetrando o sertão do Paraguai, sem dependência de buscarem o passo da cordilheira por Mendonça (Mendoza), e por inumeráveis nações de gentios bárbaros, chegavam ao Perú, donde traziam a prata, de que foi muito abundante a cidade de São Paulo e nela houveram casas com copa importante de pêso, mais de 40 arrôbas. Nas minas de Tatasi, província de Chichas, no reino do Perú, faleceu com testamento, Antônio Castanho da Silva, a 9 de fevereiro de 1622”...

Outras referências a êste assunto são também feitas por A. P. Canabrava (19): “outra via de acesso existiu ligando as colônias portuguesas do Atlântico às regiões do vice-reinado do Perú, a via terrestre do Guairá. As comunicações entre São Vicente e os núcleos espanhóis do Paraguai, por intermédio de Guairá, eram bem mais antigas do que as que se efetuaram por via do estuário... desde 1526, há referência à presença de portugueses no Guairá”.

“...A região do Guairá-Paraguai não perdeu, contudo, sua função tradicional de zona de passagem para os territórios do Alto Perú, para os sertanistas procedentes do Planalto paulista...”.

“Sertanistas continuaram a rumar para Sudoeste, pois em 1613, D. Diogo Corral, fiscal do Conselho das Índias declarava que Guairá, Vila-Rica e Jerez serviam de ponto de passagem para os paulistas atingirem as minas do Perú” (20).

Entretanto, houve uma penetração no Perú, também pelo Amazonas, o que constituiu o “ciclo nordestino”, ao

---

(15). — LEME (Pedro Taques de Almeida Paes). — Informação sobre as minas de São Paulo. Com um estudo sobre a obra de Pedro Taques, por Alfredo de E. Taunay. São Paulo. Melhoramentos, s-d. I, 245.

(19). — CANABRAVA (A. P.). — Op. cit., pgs. 110-112.

(20). — TAUNAY (Afonso de E.). — História Geral das Bandeiras Paulistas, I, pg. 241.

qual se filiaram várias pessoas de destaque na Bahia e Pernambuco, após denunciadas pelo Santo Ofício (1591-1594), quando Portugal foi anexado à corôa espanhola (1580-1640).

Este “ciclo nordestino” nada tem a ver com a penetração por Mendoza que foi relacionada com o “ciclo sulista”, ou paulistano.

Enfim, supõe-se que os paulistas estiveram em Potosi, pelo afluxo de prata para o Planalto, pois, desde que as bandeiras atingiram as reduções próximas dos locais em que se situavam as minas, por que não chegariam até lá, desde que houvessem possibilidades? (Sabemos que havia).

Não possuímos referências a minas de prata em território brasileiro; de Portugal também parece não ser possível ter vindo êsse metal, pois o Planalto, abandonado pela Metrópole, não oferecia nenhum mercado que atraísse os portugueses e achava-se ainda mais isolado pela Serra do Mar, obstáculo que dificultava a ascensão à Piratininga, tanto de pessoas, como de mercadorias.

Seria mais lógico atribuir a prata encontrada nos inventários e testamentos, às colônias espanholas mineradoras (21); e por que não a Potosi, local acessível e próximo do qual os paulistas iam prear índios em terras castelhanas, para si e para o nordeste açucareiro?

“Don Juan de Lizarazu, em 1628, dirigiu a Don Diego Paredes, “capitan de guerra” e tenente de governador na fronteira de Santa Cruz de la Sierra, uma denúncia contra os paulistas, de que havia uma bandeira em Itatim, província de Orejones, a 30 léguas da cidade de São Lourenço a velha (Sul de Mato Grosso, Bolívia?) que era “el camino de Potosi aun no alrá sesenta leguas” (22).

“De sus intentos de conquistar el Perú, consta papeles autenticos y cartas de la audiencia de Charcas; y de otras personas zelosas del servicio de V. M., por las cuales consta haberen llegado al paso de Santa Cruz de la Sierra, tierra ya vecina a Potosi” (23).

Quanto à última hipótese que formulamos, seria a de que a prata encontrada tivesse provindo do Nordeste, sob a forma de moedas, em pagamento dos escravos índios enviados pelo Planalto.

---

(21). — Inventário de Cornélio de Arzão: referências a um conhecimento de Bastião Gomes Alves “que está no Perú”. Outro conhecimento de 16\$000, de Miguel Gonçalves Corrêa, “ido para as partes do Perú”. — Inventários e Testamentos, vol. XII, pgs. 100 e 102.

(22). — TAUNAY (Afonso de E.). — Op. cit., II, 209.

(23). — Carta de denúncia do Padre Montoya a Filipe IV. Apud Afonso de E. Taunay, Op. cit., II, pg. 162.

Nesse caso, como explicaríamos uma relativa escassez de moedas de prata aqui no Planalto?

Teriam sido fundidas e reduzidas a objetos, por não serem de grande necessidade, em virtude do regime de trocas, tão comum naquela época?

Tem-se a impressão, no entanto, de que a mão de obra enviada ao Nordeste, além de ser paga com dinheiro sonante, também poderia ser paga com certa quantidade e variedade de gêneros e é possível, também, que tenha havido um regime de crédito.

A possibilidade da prata ter vindo de Potosi é bem mais interessante, pois seria muito mais compreensível que os paulistas empregassem a prata saída das minas, transformada em barras, pronta para ser trabalhada, do que fundissem um grande número de moedas, para transformá-las em tamboladeiras, colheres, garfos, pratos, etc., sôbre os quais rezam os inventários.

“Em Potosi, no “mercado mais caro do mundo”, onde os preços atingiam somas extraordinárias, os mercadores recebiam em pagamento, no século XVI, barras de metal (avaliadas em 250 castelhanos), pela dificuldade de se cunhar moeda, por causa da deficiência de combustíveis apropriados” (24).

Apesar disso, entretanto, o fato de existirem nos **Inventários e Testamentos** referências a “pesos” e “reales”, demonstra que alguma moeda espanhola deveria ter existido no Planalto.

Teria também existido uma relação comercial entre a região platina e o pôrto de São Vicente e a cidade de São Paulo, isto é, o Planalto, é o que afirma o testamento de Afonso Sardinha, ao referir-se a operações comerciais realizadas com o Rio da Prata, por intermédio de um tal Francisco de Barros, morador em Buenos Aires (25).

Seria, no entanto, um comércio pouco acentuado, em virtude da pobreza reinante na Capitania, principalmente no Planalto, onde eram escassas as moedas espanholas, o que não se deu na Bahia, em virtude da riqueza proporcionada pelo açúcar.

Salvador foi o principal centro de comércio com o Prata, cujo próprio governador se admirou da quantidade de moedas espanholas no Brasil.

---

(24). — CANABRAVA (A. P.). — Op. cit., pg. 14.

(25). — CANABRAVA (A. P.). — Op. cit., pg. 100.

## CONCLUSÃO.

Até agora, sòmente procuramos conhecer as fontes que poderiam ter fornecido a prata e o ouro ao Planalto. Analisamos os 470 inventários que estão publicados em 32 volumes editados oficialmente pelo Arquivo do Estado de São Paulo. Através dèsses 470 inventários, gôta de água num oceano, podemos ter uma noção da quantidade dèsses metais que deveriam ter existido naquela época e podemos raciocinar sôbre a sua proveniência.

Entretanto, quanto a êsse assunto, ainda muito está por fazer e, só com o tempo poderemos ampliar as pesquisas nos inventários ainda não publicados e obter informações mais satisfatórias sôbre o assunto.

Resta, no momento, observar a aplicação dèsses metais e qual teria sido a sua finalidade.

Pelo que observamos, seria a capitalização em objetos de uso doméstico e em adornos, pois poucas moedas de ouro e de prata foram encontradas no Planalto, no período que viemos de analisar (1578, data do 1.º inventário publicado e 1700, início da época do ouro pròpriamente dita).

A título de ilustração para êste pequeno trabalho, apresentamos uma lista de objetos encontrados nos 470 inventários mencionados. Não é uma lista estritamente exata, apresenta dados aproximados, em virtude de estarem os inventários e testamentos roídos pelas traças e estragados pela umidade e pelo tempo, o que tornou bastante difícil sua publicação, pois muitas lacunas se apresentaram, dificultando os interessados em estudos dèsses velhos documentos do nosso passado. Além disso, há uma grande falta de dados numéricos e um grande número de erros, muitos dos quais fomos obrigados a corrigir, a calcular novamente ou a abandonar, por falta de melhor indicação.

### P R A T A

Arrecadas .....	1	Cruzes .....	3	Dedal .....	5
Fechos de Talabarte .	7	Colheres .....	925	Garfos .....	20
Jarros .....	13	Tamboladeiras .....	231	Peixes .....	1
Colchetes .....	12	Salheiros .....	11	Copos .....	6
Pratos .....	75	Púcaros .....	23	Tigelas .....	2
Esgaravadores .....	2	Ferro de "Ginela" ...	1	Salvas .....	2
Tabaqueiras .....	2	Cravação de anel ....	1	Relicário .....	1
		Bocais de prata em		Cofres .....	1
Prato de água p/ mãos	1				
Rosários "engraçados"		cocos .....	2		
em prata .....	1	Gineta .....	1	Bandeja .....	1

Laçada para chapéu ..	1	Caixa para óculos .....	1	Botões .....	45
Abotoadeira .....	1	Trancelim .....	1	Espadim .....	1
Punhos de Espada e					
Adaga .....	3	Cabo de Espadim .....	1	Cálice .....	1
Vaso de Comunhão ..	1	Turibulo .....	1	Chapas de chapim .....	2
Moedas ....	37\$240 (26)	Castiçais .....	1	Lanterna .....	1
Prata Lavrada	1.250 grs.				
Prata Solta	18.735 grs.				

Alfinetes, limalhas, miudezas, cabos, etc., etc. Além de 4 castiçais de prata e 1 lampadário em que faltam várias peças e 1 relicário, que não pudemos calcular, por falta de dados (27).

O U R O

Anéis .....	137	Fivelas .....	4		
Cruzes .....	7	Membrias .....	2		
Arrecadas .....	107	Peças .....	7,	sendo uma c/	
Pendentes .....	36,			2 travessas.	
	sendo 2 pares	Botões .....	41		
	com argolas e	Afogadores .....	2,	sendo 1 c/	
	2 pares com			aljofres.	
	aljofres e 1				
	par com ca-				
	bacinhas.				
Cadeias .....	19	Orelheiras, pares ...	5		
Gargantilhas .....	36,	Pulseira .....	1		
	sendo 2 com	Rosários .....	3	"engraçados"	
	aljofres e 1 de			em ouro.	
	corais c/ fo-	Trancelins .....	2		
	lhinhas de ou-	Dedal .....	1		
	ro.	Cordões .....	2		
Perinhas .....	6	Filigrana:			
Pensamentos .....	4	botões .....	100		
Argolas, ps. ....	4	rosa .....	1		
Colchetes .....	2	brincos p/ .....	1		
Jóias não especificadas	6	laçada de chapéu .	1		
Luas .....	2	afogador .....	1		
Crucifixo .....	1	cabacinhas .....	—		
Brincos ps. ....	42	Ariel .....	1		
Cabacinhas .....	25				
Barretas .....	11	Ouro solto .....		157.784 grs.	
Aljofres .....	4	Ouro lavrado .....		1.229.998 grs.	
Colar .....	1	Ouro em pó .....		2.047.600 grs.	
Memórias .....	7				
Lenço .....	1				

*Moedas* ..... 956\$000, sendo uma portuguesa de \$500 e 700\$000 em moeda do Reino. Além disso, há uma certa quantidade de moedas, quantidade não especificada e alguns escudos também em quantidade não mencionada.

(26). — Inventários e Testamentos, III, pg. 320. Em dinheiro de contado, moeda cunhada e corrente deste reino — 12\$000. Quanto às demais moedas, não está designada a proveniência. Há muitas moedas, no entanto, como não está estipulado o metal e, como este trabalho é sobre o Ouro e a Prata, deixamó-las de lado.

(27). — Inventários e Testamentos, XXI, pg. 28 (Inventário de Henrique da Cunha Machado).

Além dessas peças tôdas, foram encontradas mais algumas miudezas, como contas, 2 corais encastoadas em ouro, alguns casquilhos, um chuveiro com aljofres, e "aljofres de braço", etc.

Apresentamos também a relação da prata e do ouro encontrada nos 32 volumes dos *Inventários e Testamentos*, relação essa acompanhada do pêso em quilos e gramas e dos respectivos preços.

**P R A T A**

Volume

1 e 2 .....	745,966 grms. ....	9\$360
3 .....	3.414,229 " .....	37\$960
4 .....	717,275 " .....	6\$920
5 .....	2.582,190 " .....	28\$100
6 .....	918,112 " .....	18\$380
7 .....	1.778,842 " .....	24\$480
8 .....	17.702,347 " .....	196\$020
9 .....	1.950,988 " .....	19\$080
10 .....	1.004,185 " .....	11\$120
11 .....	3.442,920 " .....	37\$260
12 .....	2.553,499 " .....	29\$060
13 .....	3.127,319 " .....	34\$320
14 .....	5.623,436 " .....	62\$450
15 .....	24.817,715 " .....	307\$546
16 .....	15.693,977 " .....	244\$300
17 .....	6.082,492 " .....	95\$136
18 .....	16.353,870 " .....	282\$735
19 .....	5.106,998 " .....	78\$490
20 .....	3.672,448 " .....	57\$120
21 .....	19.567,262 " .....	416\$130
22 .....	21.891,233 " .....	439\$826
23 .....	7.631,806 " .....	215\$596
24 .....	15.120,157 " .....	442\$625
25 .....	860,730 " .....	9\$550
26 .....	6.139,874 " .....	117\$270
27 .....	3.672,448 " .....	51\$200
28 .....	5.824,273 " .....	97\$440
29 .....	1.118,949 " .....	18\$400
30 .....	889,421 " .....	9\$680
31 .....	258,219 " .....	3\$040
<b>TOTAL .....</b>	<b>200.263,180 " .....</b>	<b>3:400\$594</b>

**O U R O**

Volume

1 e 2 .....	344,292 grms. ....	21\$340
3 .....	78,898 " .....	12\$900
4 .....	57,382 " .....	10\$000
5 .....	749,552 " .....	139\$550
6 .....	229,528 " .....	42\$440
7 .....	233,114 " .....	41\$840
8 .....	82,484 " .....	15\$000
9 .....	7,172 " .....	\$500
10 .....	272,563 " .....	52\$850
11 .....	297,668 " .....	49\$220

**Volume**

12	143,455 grms.	27\$250
13	376,569 "	76\$400
14	889,421 "	150\$360
15	1.635,387 "	361\$900
16	1.004,185 "	287\$900
17	1.520,623 "	200\$660
18	1.807,533 "	383\$800
19	243,873 "	59\$250
20	172,146 "	32\$900
21	4.188,886 "	1:167\$300
22	172,146 "	44\$300
23	946,803 "	384\$000
24	2.553,499 "	850\$221
25	172,146 "	37\$550
26	745,966 "	296\$800
27	545,129 "	91\$200
28	86,073 "	12\$200
29	57,376 "	6\$530
30	60,962 "	7\$380
31	50,204 "	12\$000
32	25,102 "	4\$400
<b>TOTAL</b>	<b>19.750,137 "</b>	<b>4:879\$941</b>

Depois de verificadas estas listas da quantidade dos metais preciosos encontrados nos inventários estudados, imediatamente formula-se uma pergunta: Quem os teria trabalhado? E' evidente que pessoas entendidas em ourivesaria, entretanto, as referências a ourives não são muitas. São as seguintes as que foram encontradas nos 32 volumes dos **Inventários e Testamentos**:

“Uma tenda de ourives com apetrechos próprios”, inventário de Maria da Silva (volume V, pág. 155; ano de 1616). A mesma tenda de ourives no inventário de Maria Pedroso; supomos que seja a mesma tenda, porque tanto Maria da Silva, como Maria Pedroso foram mulheres de Cláudio Forquim.

No inventário de Cornélio de Arzão, 1628 (vol. XII, pág. 126), encontramos a seguinte referência: “Recebeu o dito meirinho 3 patacas de Antônio da Silveira por sair a excomunhão que devia ao prêso Cornélio de Arzão de resto de um caixão que lhe fêz para o ofício de ourives, de que fiz êste termo, eu Fernão Rodrigues de Córdova, tabelião escrevi”.

Inventário de Francisco Bueno (vol. XIV, pág. 19: “Antonio Jorge Pereira ourives”. ...Ano de 1639.

Inventário de Diogo Coutinho de Melo (vol. XV, pág. 374), ano de 1654, ...“deve a Lucas Pedroso de obras de ourives”...

No traslado de inventário do cap. Fernando Raposo Tavares (vol. XVI, pág. 140), ano de 1659, encontramos a seguinte referência: “Eu, Francisco Fernandes, pelo juramento do meu ofício que eu pesei tôda a prata e ouro acima declarado”...

Inventário do Padre Manuel Nunes (vol. XXVIII, pág. 89) ...“feito que foi avaliado por dois ourives”.

Inventário de Antônio da Silveira (vol. XXX, pág. 107), ano de 1613. “Cláudio Forquim... que êle tinha fazenda, de ofício de ourives que havia pertencido ao dito Antônio da Silveira”.

Inventário de Henrique da Cunha Lobo (vol. IV, pág. 196) ...“deve-se a Francisco da Costa, ourives”...

Inventário de Francisco Correa de Lemos (vol. XXIV, pág. 427), ...“ourives Antônio Alves”...

Como pudemos observar, o número de ourives é reduzido, o que significa que realmente havia uma pequena quantidade de metais preciosos para serem trabalhados, pois, se assim não fôsse, a profissão de ourives, proporcionando lucros, existiria em maior escala e os apetrechos relativos a êsse ofício, seriam encontrados em maior quantidade nos 470 inventários estudados.

E' um argumento que vem reforçar êste trabalho que, baseado sômente nos poucos inventários publicados, deseja provar a pobreza de Piratininga nos séculos XVI e XVII e a pouca quantidade de ouro e prata existentes, desde 1578 a 1700 (infelizmente não foram publicados inventários anteriores a 1578).

Teriam existido indivíduos entendidos na arte de moldar e de burilar metais, mas essas pessoas, para poderem se manter, deveriam também ter possuído outros ofícios mais importantes, como era hábito no Planalto o acúmulo de duas ou três modalidades de serviços e ocupações. Amador Bueno, por exemplo, foi chapeleiro, moleiro e juiz, ao mesmo tempo, e, como êste, muitos exemplos mais deveriam ter existido, não sendo necessário apresentá-los aqui.

Para concluir, diremos que antes do grande ciclo minerador iniciado pelos paulistas, a prata e o ouro existiram no Planalto. A prata aqui encontrada não era nativa e sim, vinda do exterior, de Potosi, provávelmente. Quanto ao ouro, êsse foi encontrado em solo paulista, entretanto, em pouca quantidade, como pudemos observar, ouro de lavagem unicamente, fato que gerou um pequeno ciclo do ouro em terras vicentinas, provando que no Sul predominou a maior ambição de riquezas, em virtude da pobreza re-

sultante da perda da primeira Batalha do Açúcar para o Nordeste.

Como dissemos, foi uma pequeno ciclo, que não alterou a situação econômica reinante, o mesmo acontecendo com a prata que não modificou o padrão de vida.

Podemos ter noção exata do que afirmamos, lembrando as enormes consequências acarretadas para o Planalto e para o Brasil após o fim do século XVII e durante o XVIII, quando o ouro descoberto nas Gerais pelos planaltinos, mudou completamente o panorama econômico, histórico, político e social da época (28).

Entretanto, êsse grande acontecimento é assunto para outro trabalho.

**MYRIAM ELLIS AUSTREGÉSILO**

Licenciada em Letras Neo-Latinas e auxiliar da Cadeira de História da Civilização Brasileira.

---

(28). — Neste estudo, somente foram observados os objetos especificados, como sendo de ouro ou de prata. Foi seguida, o mais escrupulosamente dentro do possível, a variação do preço da libra, da onça e da oitava de ouro, e de prata, sendo necessário, para isto, um grande número de cálculos que, por falta de dados, ofereceram certa dificuldade.